



Equipas de Nossa Senhora

## O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO NA LA MISSÃO DA IGREJA

**Monsenhor Jean LAFFITTE**  
**Sub-Secretario do Conselho Pontifical para a Família**  
**Vice-Presidente da Academia Pontifical para a Vida**

Roma 2003

---

Refletindo, no início do seu pontificado, sobre o mistério da Sagrada Família, o Papa João Paulo II convidava os cristãos a “meditar e a viver conscientemente o que Deus, a Igreja e toda a humanidade esperam, hoje, da família”. Esta tríplice expectativa, de Deus, da Igreja e da humanidade oferece-nos a perspectiva que deve hoje estruturar uma reflexão sobre o papel do matrimônio cristão na missão da Igreja. Nesta frase do Papa, a expectativa da humanidade não está em oposição com a expectativa de Deus e da Igreja. A expectativa mais profunda no coração do homem é, na visão da Igreja, o desejo de amar e ser amado, uma aspiração a ser realizada na comunhão.

Esta verdade do seu ser é revelada a cada homem pela pessoa de Jesus Cristo, o qual, para parafrasear a célebre passagem conciliar, revela ao homem a verdade integral sobre a pessoa, o matrimônio e a família. Não é certo que, meio século atrás, tal conceito se impusesse. A expressão *expectativa da humanidade* teria parecido uma forma de retórica, uma expressão muito vaga, demasiado genérica, em todo o caso, para aplicar-se ao matrimônio. A instituição civil do matrimônio e a sua forma cristã, sancionada canonicamente pelo sacramento do matrimônio, tinham em comum o patrimônio do direito natural. O aprofundamento pelo Direito da Igreja do conteúdo do matrimônio, dos seus fins, do consentimento e dos seus efeitos encontravam um apoio e uma ressonância naturais nas diversas legislações civis: a fidelidade dos esposos como compromisso, a sua abertura à vida, os deveres parentais de educação eram os mesmos de um lado e do outro. Com efeito, nada de surpreendente nisso: a reflexão da Igreja sobre o matrimônio e a família foi sempre inscrita numa perspectiva que punha em primeiro plano as pessoas contratantes, a ponto de servir de fonte de inspiração aos redatores do Código civil napoleônico.

É pouco dizer que nos encontramos, nas últimas dezenas de anos, diante de uma situação totalmente inédita, que vê a autoridade civil do conjunto das nações ocidentais ancorar-se, não mais nos modelos canônicos, mas em considerações sociológicas. As prioridades deixaram de ser a tradução nas leis da natureza do elo conjugal, mas sim a fundação jurídica de novos modelos, correspondendo sociologicamente às exigências inéditas provenientes de uma categoria social, de um grupo de pressão inspirado por alguma escola de pensamento ou ideologia. O resultado do que se pode considerar como uma verdadeira revolução é o afastamento aparentemente irreversível do direito natural, que perdeu, para o estado moderno, o seu valor de critério de referência, e que se tornou até mesmo objeto de suspeita e ostracismo. As discussões recentes na França em torno do Pacto Civil de Solidariedade têm mostrado, entre partidários e adversários desse novo modelo, um verdadeiro diálogo de surdos, no qual uma expressão tão longamente provada e admitida ao longo dos séculos como aquela que descreve o matrimônio como uma *união natural de um homem e de uma mulher*, encontrou-se brutalmente desclassificada.

O matrimônio parece ter deixado de ser uma boa nova aos olhos dos nossos contemporâneos, que se encontram na posição dos fariseus interlocutores de Jesus no capítulo 19 do Evangelho de São Mateus. Sentem necessidade de ouvir Jesus responder-lhes num outro plano que não o sociológico do repúdio e fazê-los voltar à origem (*arché*). “No princípio”: isso situa a verdade do homem no sentido pleno, muito além das respostas parciais. “No princípio”: isso remete também ao momento original no qual o homem criado encontra a sua medida plena na relação com Deus e onde a imagem de Deus está nele inscrita: *homem e mulher Ele os criou*. A

plenitude do homem traduz-se por uma comunhão de pessoas, cujo primeiro liame é manifestado por uma complementaridade sexual. Assim, na realidade da imagem de Deus está concretamente inscrita a corporeidade do homem como um apelo original à comunhão. O que vai mover a sua liberdade e lhe dar a sua finalidade interior é esse apelo original à comunhão: *O homem torna-se imagem de Deus, não tanto no momento da solidão, quanto no momento da comunhão. Ele é, com efeito, desde a origem, não somente uma imagem na qual se reflete a solidão de uma Pessoa que governa o Mundo, mas também, e essencialmente, a imagem de uma impenetrável e divina comunhão de Pessoas.*<sup>1</sup>

O afastamento do direito natural por parte do estado moderno, realidade à qual nos referimos, leva a Igreja na sua missão a confrontar-se com um desafio radicalmente novo: retomar, com novos esforços, um conjunto de valores de humanidade que ela podia, outrora, considerar como já adquiridos. Com efeito, já não lhe basta expor e transmitir a especificidade cristã, com base numa terminologia comum a todos, apoiando-se no fato de ser o matrimônio, em princípio, uma instituição própria a toda a humanidade; ela se encontra diante da necessidade de aprofundar cada vez mais, à luz da Revelação, as implicações antropológicas que considera ser a verdade sobre o matrimônio e a família, isto é, o *desígnio de Deus* sobre essa comunidade de vida e de amor entre um homem e uma mulher, desejada e criada por Deus e salva por Ele. O Magistério da Igreja não tem cessado de insistir, nestes últimos tempos, sobre a missão cristã de anúncio e explicitação do amor humano. Os textos são muito numerosos. Por exemplo, a *Familiaris Consortio: Toda a Igreja tem o dever de refletir e empenhar-se profundamente para que a nova cultura nascente seja intimamente evangelizada, sejam reconhecidos os verdadeiros valores e defendidos os direitos do homem e da mulher e para que seja promovida a justiça também nas próprias estruturas da sociedade... Assim o novo humanismo não afastará os homens da sua relação com Deus, mas levá-los-á mais plenamente até ela.* (n.º.8)... Desta forma, a missão da Igreja deve ser avaliada nas suas duas principais vertentes: aquela que a orienta fora das suas fronteiras (*ad extra*) e aquela que lhe determina ensinar os seus filhos (*ad intra*), mantendo sempre o princípio de unidade que a inspira.

De que forma se articula, hoje, a missão da Igreja *ad extra* e como contribui para os debates atuais sobre o matrimônio e a família? A Igreja fala do matrimônio numa perspectiva de fé, da qual importa entender, desde o início, a lógica interior, para evitar mal-entendidos no diálogo social. Esta perspectiva, que é evidentemente a da fé cristã, afirma claramente que *a comunhão profunda de vida e amor que forma o casal foi fundada e dotada de leis próprias pelo Criador*, para retomar a fórmula conciliar.<sup>2</sup> Em que sentido? O anseio de um homem e uma mulher de se darem um ao outro para formar, com toda a sua vida, uma comunidade, corresponde a exigências profundamente inscritas no ser do homem e da mulher. Corresponde àquilo que eles são, à sua natureza. A instituição do matrimônio é chamada a exprimir essas exigências; assim, a forma de que ela se reveste não pode estar submetida a transtornos que as contrariem. Voltaremos a essas exigências, ditas naturais, mas notemos que, logicamente, esta perspectiva remete esses traços naturais ao Autor da natureza. Nesse nível, compreende-se que expressões como *o desígnio de Deus sobre o matrimônio e a família*, ou então, *a verdade integral do amor conjugal*, longe de constituir afirmações de tipo fundamentalista, se inscrevem na lógica natural de uma teologia e de uma filosofia da Criação acessíveis à razão. Parece-me que um primeiro aspecto do apostolado cristão deveria consistir em convencer-se e impregnar-se desta verdade, que não ofende a razão, e também em defendê-la incansavelmente.

Como resumir, sucintamente, estas exigências naturais? A primeira baseia-se, como foi assinalado, sobre o anseio (que a Igreja, dentro da lógica indicada, chama de *vocação*) de todo

---

<sup>1</sup> João Paulo II, in *Homem e mulher os criou. Catecismo sobre o amor humano*, Cittá Nuova Editrice-LEV, Roma 1985, 59.

<sup>2</sup> *Gaudium et Spes*, 48

ser humano pelo amor (*comunhão das pessoas*). A comunhão particular entre um homem e uma mulher unidos pelo matrimônio está ordenada para o bem dos esposos e para a geração e educação dos filhos. Ela se assenta sobre um consentimento mútuo, que é um dom recíproco que os esposos fazem, livremente, das suas pessoas. Este dom é afirmado publicamente e constitui o vínculo do matrimônio, que aos olhos da Igreja tem a característica de ser indissolúvel. São estes os elementos, que talvez nos pareçam simples por conhecê-los bem, sobre os quais devemos estar prontos a responder. Não se pode reconstruir aqui uma *antropologia adequada* (usando uma expressão cara ao Papa João Paulo II), mas pode-se, contudo, ilustrar alguns pontos.

A condição de liberdade na qual um consentimento deve ser dado não apresenta dificuldade, pois é admitida por todos. Tampouco o caráter público da troca de consentimentos, pois constitui uma certa garantia, embora não absoluta, de que o matrimônio foi livremente consentido. A falta de consentimento é motivo de anulação do matrimônio, tanto para o direito civil como para o canônico.

A questão do caráter irrevogável do consentimento e do vínculo indissolúvel que cria aos olhos da Igreja é bem mais delicada. Imagina-se, por vezes erradamente, mesmo entre os cristãos, que a indissolubilidade é para a Igreja uma exigência que provém somente da sacramentalidade do matrimônio. Na realidade, o sacramento não cria a indissolubilidade, embora contribua para aumentar a sua solidez<sup>3</sup>. A indissolubilidade nasce da exigência interior do pacto de amor entre os esposos. Não poderia constituir uma exigência extrínseca a uma forma de instituição. Ela é uma qualidade permanente, própria de um matrimônio validamente constituído e uma exigência intrínseca da essência do matrimônio. Por ser o matrimônio um dom pessoal, no qual a pessoa inteira se compromete de maneira exclusiva (o que exprimem, aliás, os atos próprios desta união entre o homem e a mulher), está presente a dimensão temporal. Se a pessoa se reservasse a possibilidade de decidir diversamente no futuro, como poderíamos ainda falar de fidelidade? O compromisso com a fidelidade, no plano antropológico, não pode ter um limite no tempo: é essa uma característica própria da relação amorosa na qual é reconhecida e honrada a dignidade da pessoa do cônjuge com o qual o outro se compromete. Temos aí elementos que fornecem uma base sólida para a maneira como somos levados a falar *ad extra* do amor humano e do matrimônio cristão.

Na mesma ordem de idéias, é possível demonstrar como a fidelidade reconduz sempre ao amor, ou pelo menos, encerra, na sua dimensão mais profunda, da qual talvez o sentimento não tenha consciência, a trama do amor tecida para além do tempo. *O fidus*, escreve Angelo Scola, ou seja, *a fidelidade que está no interior do amor, é na realidade o cume do amor. Porque esse é o nível que assegura ao amor sobrevir sempre, mesmo quando não se tenha mais consciência dele e que não se tenha mais a sua percepção imediata. Com efeito, a fidelidade já uniu o homem e a mulher com um laço que chega a desafiar o tempo.*<sup>4</sup> Temos aqui temas próprios à experiência cristã entendida no sentido de uma experiência humana realizada, o que supõe um retorno à natureza das coisas, ou seja, uma volta às origens, à verdade original do matrimônio, manifestada no desígnio de Deus, o *consilium Dei*.

Sem dúvida, uma das dificuldades advém do fato de não ser apropriada a categoria de “contrato” (por ser uma noção jurídica, e portanto, condicional e submetida a cláusulas) para traduzir a indissolubilidade. Os textos da Igreja empregam freqüentemente o termo *aliança*, que tem a vantagem de exprimir, do seu ponto de vista, uma realidade ao mesmo tempo natural e sacramental. O seu lado natural vem da convicção que o homem é criado por Deus e

<sup>3</sup> Sobre este ponto, reportemo-nos ao artigo de D.Baudot: *A indissolubilidade de “especial solidez” do matrimônio cristão* in XXX, *Ousar dizer que o matrimônio é indissolúvel*, sob a direcção de X.Lacroix, Cerf, Paris 2001,163-203

<sup>4</sup> Angelo Scola, *O noivado, dom e compromisso na preparação para o matrimônio*, in II Encontro Nacional para Responsáveis da Pastoral Familiar e da Consulta Nacional, organizado pelo Ufficio Nazionale per la Pastorale della Famiglia (Roma 12-15 Fevereiro 1998).

por Ele dotado da capacidade de se comprometer numa união indissolúvel; o aspecto sacramental lembra a idéia bíblica de aliança, que exprime o dom definitivo de Deus ao seu povo, do qual o matrimônio é a imagem, e que é um dom que Cristo realizou.

Outro ponto delicado consiste em definir o matrimônio como o lugar onde se transmite vida. A Igreja considera que o matrimônio é o lugar natural onde a vida é transmitida e portanto a família é também o lugar em que a vida é servida pela tarefa da educação dos filhos. E nisso não há nada de original na medida em que esta convicção tem sido unanimemente partilhada na sociedade humana em todas as latitudes até uma época bem recente. A explosão da célula familiar no Ocidente, com todas as suas consequências na vida dos filhos, as técnicas que tornam cientificamente possível a procriação, independentemente da relação entre um homem e uma mulher, tornam indispensável explicar porque a transmissão da vida está, na ótica cristã, necessariamente ligada ao conceito de família. Se o matrimônio está voltado para a procriação e educação dos filhos, é por causa dessa disposição natural do Criador segundo a qual é na ordem da natureza, e não na das manipulações, que a união do homem e da mulher pode ser fecunda e ter por consequência a existência de um novo ser humano. No matrimônio, esta união não é anônima, ela é expressão de um ato de amor tal que permitiu, por parte dos esposos, uma doação total, exclusiva e definitiva. É assim, na sua expressão mais perfeita, que o amor é fecundo. No plano teológico, sabe-se que a Igreja se refere ao início, tal como figurado na narrativa simbólica do Gênesis: o mandamento *Crescei e multiplicai-vos* (Gn 1,28) é uma fórmula de bênção, dirigida ao homem e à mulher. Por esse motivo, os esposos são muitas vezes chamados de cooperadores do amor de Deus Criador e como que seus intérpretes.<sup>5</sup>

Por fim, falta considerar o que manifesta, na doutrina da Igreja, a questão da abertura do matrimônio à procriação. Ela baseia este aspecto sobre o caráter indissolúvel dos dois valores: o da união e o da procriação no ato conjugal. Esse caráter de inseparabilidade não é afirmado na perspectiva puramente material, pois há na natureza da mulher épocas de infertilidade; mas a união indissolúvel das dimensões unitiva e procriativa define a própria natureza do ato conjugal, segundo o *consilium Dei*. Os dois aspectos não podem, portanto, ser deliberadamente separados por um ato de vontade formal dos esposos (ato contraceptivo, fecundação artificial). A união indissolúvel das dimensões unitiva e procriativa do ato conjugal caracteriza o que a *catequese sobre o amor humano* chama de verdade ontológica do ato conjugal. Tal articulação certamente não é fácil de transmitir a quem não está disposto a integrar na sua visão do amor humano a presença, ou no mínimo, o sinal de uma intenção do Criador. Outras abordagens, mais acessíveis, são possíveis. Entre elas, a que reconhece na abertura do matrimônio à procriação a manifestação de uma sabedoria profunda que se pode perceber ao considerar-se com realismo o desmoronamento demográfico contemporâneo nos países ocidentais. A decisão de não ter filhos (excluindo os motivos sérios, os *iustae causae*, mencionados, depois de Pio XII, pela *Humanae Vitae*), revela um desespero interior e repousa, na realidade, sobre a convicção implícita de que não se tem valores a transmitir; ou seja, que não se considera a si mesmo como um valor digno de ser transmitido: aquele que exclui qualquer posteridade não acredita em si mesmo. Neste sentido, o declínio demográfico repousa sobre um verdadeiro pessimismo antropológico das nossas sociedades.

*Por mais urgente que a Igreja considere hoje o dever de aprofundar as dimensões naturais do matrimônio, ela é, contudo, chamada em primeiro lugar a exercer uma missão de natureza especificamente teológica. O caráter da sua missão refere-se à salvação do homem na ordem espiritual e temporal, embora estes dois planos não se situem no mesmo nível. É nesta perspectiva que diz respeito ao matrimônio. A necessidade de construir um mundo melhor na verdade e na justiça (aspecto temporal) é uma implicação da missão confiada aos Apóstolos de anunciar o Reino de Cristo e o mistério de Deus, assim como de esclarecer o mundo pela*

---

<sup>5</sup> CONC. OECUM. VAT II, *Carta Pastoral Gaudium et Spes*, 48.

*mensagem evangélica. Se quisermos compreender o lugar que o sacramento do matrimônio está destinado a ocupar na missão da Igreja, convém termos presente os traços distintos que caracterizam esta última.*

- A missão da Igreja enraíza-se originalmente na missão do Filho e na do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai (*ad Gentes 2-5*); é também uma missão de natureza divina, na medida em que nenhuma missão santificadora pode ser realizada fora da ação do próprio Deus que age na Sua Igreja;
- Destarte, a missão da Igreja só pode manifestar e comunicar a caridade de Deus a todos os homens e a todas as nações; a sua finalidade é transmitir os bens divinos que Deus lhe confia para os homens e por amor a eles;
- Ela é universal: notemos que esta qualidade de universalidade não se baseia no caráter universal da racionalidade das leis da natureza, mas na vontade de Deus de que todos os homens sejam salvos, segundo as palavras do Apóstolo.

Por fim, essa missão exerce-se no modo sacramental, adequado para expressar e transmitir a salvação. A capacidade de qualquer sacramento ser sinal eficaz do amor de Deus pelos homens baseia-se na transformação operada na própria natureza do homem por meio do selo do Batismo.

A este título, o sacramento do matrimônio, à semelhança de todos os outros sacramentos, atualiza essa imersão batismal na vida, Paixão, morte e Ressurreição de Cristo. Ele possui toda a riqueza e fecundidade de graças de um sacramento de salvação.

Nem por isso o seu papel na missão da Igreja pode ser associado de forma abstrata a uma qualquer fonte de efusão de graças para aqueles que estão sacramentalmente unidos pelo vínculo do matrimônio. No matrimônio existe uma função particular, a partir da qual torna-se possível encarar a sua missão própria: exprimir, de forma singular, o mistério nupcial de Cristo Esposo da Igreja. Faz parte da natureza da comunhão de vida e amor entre o homem e a mulher expressar e atualizar a união entre Cristo e a Igreja. De que maneira pode isso ser entendido? Para compreendê-lo, é preciso voltarmos a montante, buscando o significado dessa união inicial entre Cristo e a Igreja. Define-se, ela também, antes de mais nada, como *uma comunidade de vida e de amor*; tratando-se, na circunstância, de bens divinos transmitidos por Cristo, ela é uma comunhão de bens eternos: comunicação da vida eterna e comunicação do amor eterno. A vida e o amor comunicados, por sua origem e natureza divinas, selam uma união necessariamente definitiva, e é o que significa a expressão *união eterna*: definitiva e portanto indissolúvel.

Esta característica da união entre Cristo e a Igreja pode ser ilustrada de duas maneiras: por um lado, é o ato pelo qual o próprio Deus faz aliança com a humanidade, e essa aliança manifesta o mesmo caráter de fidelidade que aquele que a inaugura; por outro lado, a união de Cristo e da Igreja pode ser contemplada na humanidade concreta da pessoa de Jesus Cristo, no dom efetivo da sua vida na Cruz. Temos aí toda a história da salvação divina, expressa segundo uma dupla seqüência: o dom que Cristo faz de si mesmo à humanidade à qual se uniu (Encarnação), e o dom da sua vida sancionado pela efusão do sangue e da água na Cruz, que constitui no Espírito Santo essa mesma humanidade como o seu Corpo. Comparou-se muitas vezes o nascimento da Igreja do lado de Cristo ao nascimento de Eva do lado de Adão (a nova Eva nasce do lado do novo Adão). Compreende-se agora que o elo entre os dois acontecimentos não é somente simbólico. Um e outro são mistérios de amor, de transmissão da vida. O sacrifício torna-se vitória definitiva sobre a morte e assim vitória sobre todas as infidelidades do pecado. *O Filho de Deus, na natureza humana à qual Ele se uniu, remiu o*

*homem e, triunfando da morte por Sua morte e ressurreição, transformou-a em nova criatura. Com efeito, ao comunicar o Seu Espírito aos Seus irmãos chamados de todos os povos, fez deles misticamente como que o Seu Corpo. (Lumen Gentium n° 7).* Não há, portanto, somente um argumento de conveniência na fidelidade de Cristo à sua Igreja (a aliança é fiel porque vem de Deus), há uma fidelidade divina, com certeza, mas realizada efetivamente na natureza humana. O dom que Jesus faz da sua vida no Calvário é irrevogável, a aliança é irrevogável, indissolúvel e *indestrutível*, empregando um termo de C. Rochetta.<sup>6</sup> É preciso acrescentar que a natureza humana foi tornada capaz de uma tal união irrevogável, indissolúvel e indestrutível.

Que Cristo seja fiel à Sua aliança não é uma afirmação surpreendente; em compensação, pode-se perguntar em que se apóia a fidelidade da Igreja na sua união com Cristo. Aparentemente, onde encontramos a garantia de que a segunda parte de Aliança não falha? Parece-me que não a devemos procurar fora do próprio Cristo. A Igreja é fiel porque foi constituída em Cristo e assim lhe está orgânica e substancialmente unida. Vive, portanto, de Sua vida. A sua fidelidade é um dom que o Espírito lhe faz continuamente, conforme a promessa que Jesus fez a Pedro. Não tenhamos receio de afirmar que a fidelidade da Igreja não é menor que a de Cristo, porque é a mesma fidelidade, a que Cristo manifesta constantemente na Sua aliança.

É notável observar que o conjunto dos autores sacros e da Tradição sempre tenha descrito a união entre Deus e a Igreja em termos inspirados pelo mistério do amor nupcial. A visão da Igreja celeste que S. João descreve no Apocalipse refere-se à imagem da esposa (aqui, esposa do Cordeiro imaculado, Ap 19,7). No âmbito de uma orientação conjugal, S. Paulo não receia referir-se ao modelo de Cristo que envolve de atenções a Igreja: *ninguém jamais odiou o seu próprio corpo; pelo contrário, alimenta-o e cuida dele, como Cristo faz à Igreja: não somos nós os membros do seu Corpo?*(Ef 5,29-30). A expectativa da Igreja de estar unida a Cristo alimenta-se da esperança de participar da sua glória eterna, e assim, a sua condição neste mundo é a do exílio: *Enquanto caminhar sobre a terra, longe do Senhor, a Igreja considera-se como exilada, de forma que anda em busca das coisas do alto, das quais guardou o sabor, voltada para onde Cristo se encontra, sentado à direita do Pai, lá onde a vida da Igreja está escondida com Cristo em Deus, esperando a hora em que, com o seu Esposo, aparecerá na glória* (Cl 3, 1-4)<sup>7</sup>. A união definitiva (isto é a união projetada na eternidade) manifesta-se destarte como a celebração das bodas eternas de Cristo com a Sua Esposa.

A Igreja está, desde já, verdadeiramente unida ao seu Esposo. Outra maneira de dizê-lo é sublinhar que, tornada fecunda pelo dom do Seu Espírito, ela é, doravante, para o mundo, o lugar onde Cristo permanece e onde ele se dá a conhecer e amar.

Esta longa explicação nos esclarece sobre a verdadeira sacramentalidade do matrimônio, cuja origem se encontra de forma indissociável em Cristo e na Igreja, ainda que, evidentemente, a sacramentalidade de Cristo venha primeiro.<sup>8</sup> O matrimônio que a Igreja está encarregada de administrar é um ato de Cristo. O conjunto das normas essenciais que condicionam a sua validade são o testemunho fiel do amor de Cristo que, para retomar as palavras do Concílio Vaticano II, *vem ao encontro dos esposos cristãos pelo sacramento do matrimônio (e) continua a permanecer com eles para que os esposos, pelo seu dom mútuo, possam amar-se*

---

<sup>6</sup> O seu “sim” é um gesto que manifesta o ato de Cristo e da Igreja e faz participar do “sim” indestrutível de Cristo à Igreja (C.ROCCETTA, *Gli sposi “si conferiscono” il sacramento del matrimonio? Recherche teologiche* 6 (1995) 2, 267-290).

<sup>7</sup> *Lumen Gentium*, 6

<sup>8</sup> “A referência do mistério da Igreja é o mistério de Cristo, e a sacramentalidade da Igreja deve ser compreendida em relação à sacramentalidade de Cristo; é esta última que é fundamental. Nisso a Igreja participa de Cristo” (B.D. de LA SOUJEOLE, in *Le sacrement de la communion. Essai d’ecclésiologie fondamentale*, Editions Universitaires (Friburgo)/Cerf, Paris 1998, 251-252).

*em uma fidelidade perpétua, como Ele mesmo amou a Igreja e se entregou por ela.*<sup>9</sup> A Igreja, pelo respeito que tem pela natureza da união entre o homem e a mulher, união que torna possível pela autoridade recebida do seu Senhor, e os esposos, por sua fidelidade, realizam a missão profética do testemunho prestado à fidelidade redentora de Cristo.

Dizer que os esposos têm a mesma missão profética já é um resultado importante, pois nos preserva de imaginar uma espiritualidade conjugal fora do seu contexto vital, que é a Igreja. Os autores falam do simbolismo nupcial inscrito no matrimônio e o qualificam, por vezes, de *simbolismo forte*<sup>10</sup>, assumindo o papel de modelo inspirador para os outros estados de vida, como, por exemplo, a vida consagrada. Esta última, acentuam, inspira-se no simbolismo nupcial até mesmo na celebração do rito das virgens consagradas (por exemplo o rito do *velatio*).

Todavia, parece-me que a nossa empreitada ficaria incompleta se omitíssemos a ligação do sacramento do matrimônio com a sua própria fonte sacramental, em outros termos, a Eucaristia. A Eucaristia é o lugar onde mais manifesta se torna a natureza sacramental da Igreja. Ela não é somente memória, mas atualização da dádiva que Cristo-Esposo faz da Sua vida à Igreja, Sua esposa. A Igreja é constantemente gerada pelo dom de Cristo, porque a humanidade, à qual é dada esta oferenda eucarística, transforma-se em Igreja, torna-se Corpo de Cristo. Pode-se afirmar que a Eucaristia é na verdade o lugar onde Cristo e a humanidade se tornam uma só carne: *O lado aberto de Cristo, com o derramamento de sangue e água, marca simultaneamente o ato do nascimento da Esposa, de uma beleza semelhante à do Esposo, e o pacto de aliança nupcial pelo qual o Corpo e o Sangue do Esposo são confiados à Esposa-Igreja, a ponto de se tornarem uma só carne (“una caro”), isto é, um só Corpo Místico.*<sup>11</sup>

O amor divino que preside à Eucaristia é portanto um amor nupcial, pois é dom do Esposo à Esposa e acolhida do Esposo pela Esposa, na fé.

A força do acontecimento eucarístico é tal que envolve toda a realidade corporal dos dois termos de relação: é verdadeiramente o Seu Corpo que Cristo oferece e é também corporalmente (e não somente espiritualmente) que a Igreja se une a Ele. A essa estrutura de natureza nupcial corresponde analogicamente a estrutura nupcial da comunhão conjugal que os esposos realizam através do profetismo do corpo. Torna-se claro que a Eucaristia, ao introduzir o cristão na comunhão trinitária, fá-lo participar no amor nupcial de Cristo pela Igreja e torna-o assim capaz de viver, no dom de si mesmo e no acolhimento do outro, a sua vocação para o amor, amor cujo caráter nupcial está originalmente inscrito na sua natureza corporal (*homem e mulher Ele os criou*).

O dom de Deus aos esposos e a resposta dos esposos a Deus constituem o que o teólogo Urs von Balthasar denominava uma relação assimétrica. É no Espírito Santo que Deus se dá na pessoa de Cristo, e não há possibilidade para os esposos de responder de outra forma senão por um ato de fé, isto é, de acolher esse dom no Espírito Santo. Percebe-se por isso a importância de estar presente a fé para que o sacramento do matrimônio opere e se torne assim um verdadeiro acontecimento: o encontro com Cristo. Compreende-se também que o risco, hoje maior, de conferir o sacramento do matrimônio a noivos que não se encontram na disposição de fé suficiente para o receber com proveito, será para a Igreja um importante desafio a levantar no futuro. Numerosas igrejas tomaram recentemente consciência desse fato, como o testemunham os textos publicados por vários episcopados durante o ano de 2001. No

---

<sup>9</sup> *Gaudium et Spes*, 48

<sup>10</sup> CAMPANINI G., in *Fideltà e tenerezza*, Roma 2001, 75 ss.

<sup>11</sup> TRIACCA A. – M: *O sangue de Cristo: mistério da aliança na vida matrimonial*, em *Noticiário do Escritório Nacional para a Pastoral da Família I* (2000), 37

que diz respeito à França, por exemplo, as *Onze orientações para a Pastoral do matrimônio* contêm a passagem seguinte: *nesse caminho* (preparação para o matrimônio), *os noivos redescobrirão a dinâmica da iniciação cristã: batismo, confirmação e eucaristia. A preparação para o matrimônio permitirá aos cônjuges descobrir a verdade sobre a sua vida cristã e a sua prática sacramental, notadamente no que diz respeito ao sacramento da penitência e reconciliação, assim como à sua participação na assembleia dominical.*<sup>12</sup>

Todos aqueles que até hoje se interessaram seriamente em promover uma autêntica espiritualidade conjugal têm estado atentos a estudar a missão do Espírito Santo no casal e na família. Foi o caso do Padre Henri Caffarel, que aplicava ao casal cristão a tripla função aplicada classicamente ao Espírito Santo: princípio de vida, princípio de unidade e princípio de crescimento.

Princípio de vida: *O Espírito Santo, ao introduzi-los na vida filial de Cristo, renova no coração dos esposos a fonte da caridade: Essa caridade se insinua no coração dos membros do casal e transforma, diviniza todos os amores familiares: o amor conjugal, o amor dos pais, o amor filial, o amor fraterno.*<sup>13</sup>

Princípio de unidade: O Espírito Santo constrói invisivelmente a unidade visível da família. É sobre este assunto que o nosso autor escreveu esta frase surpreendente: *Um casal unido é uma obra prima do Espírito Santo...*<sup>14</sup>

Princípio de crescimento, concebido como uma obra eclesial e espiritual no seio da família: *É pelo dom do Espírito Santo que faz à sua Igreja que Cristo torna fecunda a Sua Esposa. Da mesma forma, no lar, o Espírito do amor será princípio de crescimento, e portanto de crescimento da Igreja no lar: porque é no lar que a Igreja cresce.*<sup>15</sup>

Na lógica desta ação fecunda, não só os esposos exprimem simbolicamente o sentido eucarístico do mistério do amor que os une, mas tornam-se eles mesmos, de certa forma, uma realidade eucarística. O nosso autor, sobre esse ponto, exprime-se assim: *Se Cristo renova esse ato* (a sua entrega no Calvário) *na missa, e se ele vos convoca para nela participar, é porque quer que o seu sacrifício penetre no mais profundo da carne e do espírito do vosso casal, afim de criar em vós também um estado de alma de permanente oferenda ao Pai. Melhor dizendo: é para que Lhe permitais reviver no vosso casal o seu sacrifício. Portanto, torna-se evidente, o sacrifício de Cristo não deve ser algo de exterior para vós, mas tornar-se interior; a oferenda que dele fazeis não deve ser um ato transitório, mas uma disposição habitual, uma vida.*<sup>16</sup>

Ao término desta reflexão, percebe-se claramente que os esposos são os mediadores de um amor que os ultrapassa e que eleva o seu amor às dimensões do mistério da caridade divina. É útil lembrarmos de que esta caridade divina é um amor redentor, um amor que salva, que triunfa do pecado e da morte. Face às tentações de separação e aos riscos de explosão da célula familiar aos quais assistimos hoje, os esposos cristãos tornam-se testemunhas por vezes heróicas da realidade da salvação do amor. O amor, que eles receberam pela graça, restabeleceu-os graciosamente na aliança, e muitas vezes os reconciliou. Cristo continuou presente junto deles. O seu testemunho enraíza-se no perdão recebido e transmitido, que é o outro nome da fidelidade conjugal.

---

<sup>12</sup> Assembleia plenária dos Bispos de França, *Onze orientações para a pastoral do matrimônio*, in *Documentation Catholique* 2281 (1º Dezembro 2002), § 6,1027.

<sup>13</sup> CAFFAREL H., *O matrimônio, esse grande sacramento*, in *Cahiers de l' Anneau d' Or* 11-112, (Maio-Agosto 1963) 220.

<sup>14</sup> *Ibidem*, 220

<sup>15</sup> *Ibidem*, 221

<sup>16</sup> CAFFAREL H., *O Matrimônio, caminho para Deus*, in *Cahiers de l'Anneau d' Or* 117-118 (maio -agosto 1964) 261

A expectativa da humanidade que evocávamos no início é uma espera muitas vezes pouco consciente de que seja salvo o amor humano, do qual recebe, o mais das vezes, uma imagem desvirtuada. O matrimônio cristão não é somente o objeto da evangelização, deve ser também o seu sujeito. A Igreja apóia-se nessa esperança ao ver na célula familiar a base da nova evangelização e ao exortá-la, para retomar as palavras dirigidas por João Paulo II, há dois anos, em Roma, aos professores e estudantes do Instituto de estudos do matrimônio e da família, a promover uma *cultura da família*.

*Toda família descobre e encontra em si mesma o apelo irrevogável que define ao mesmo tempo a sua dignidade e a sua responsabilidade: Família “torna-te” no que és!*<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> *Familiaris Consortio*, 17